



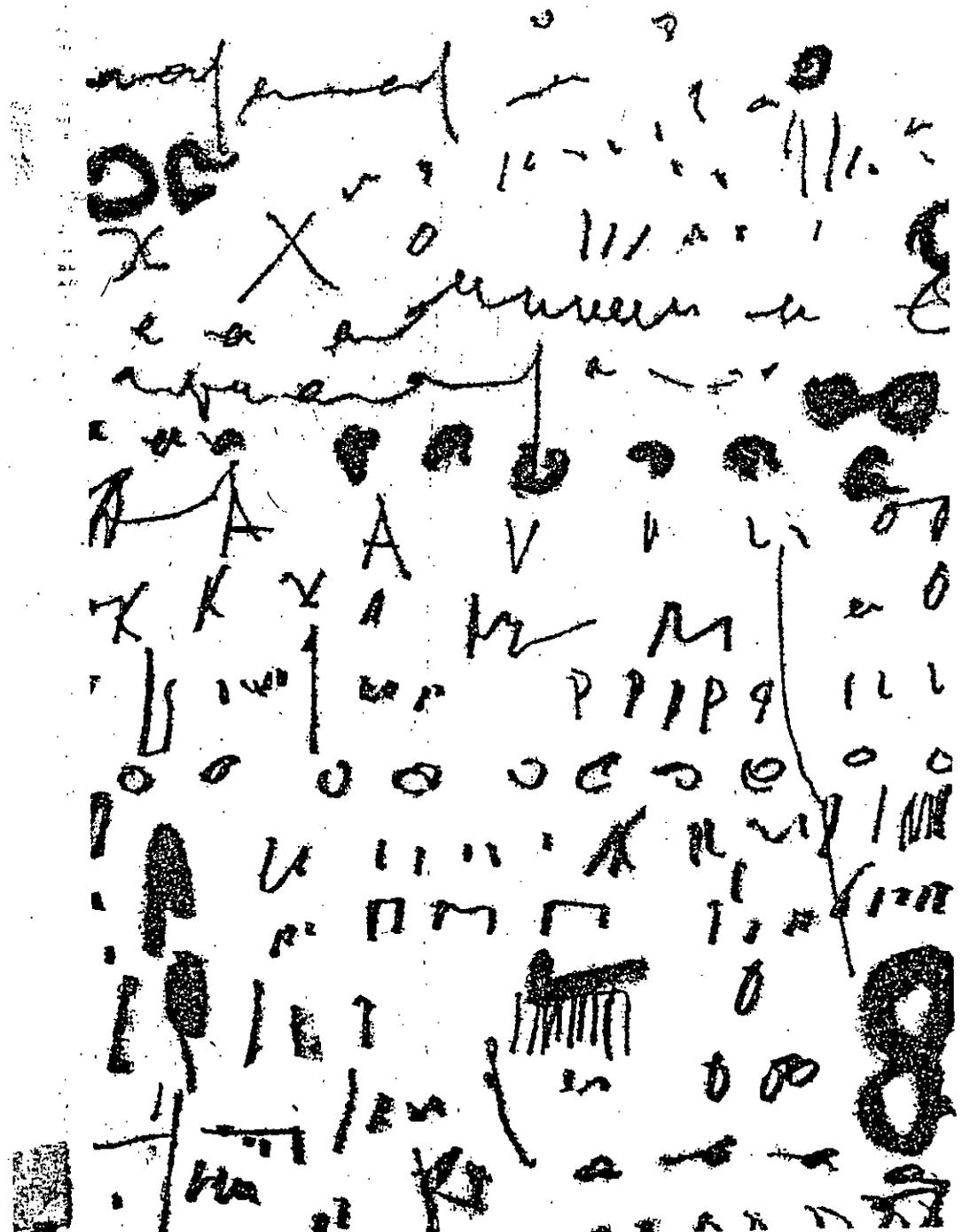
suplemento

Indagações sôbre a

VILÉM FLUSSER

Qual é a origem da língua? Eis uma pergunta fundamental, uma pergunta que demanda o fundamento. Formulá-la com seriedade, com paixão, com dedicação total, é uma tarefa para a vida. Confeito, é uma tarefa para uma vida religiosa. Atualmente é talvez esta a única forma de uma vida religiosa depois da morte de Deus. Todas as perguntas empaldecem, se comparadas com a demanda pela origem da língua. Empaldecem a própria pergunta "Por que não me mato?" Porque é na origem da língua, na fonte dos símbolos que as raízes do meu pensamento estão ancoradas. É lá, naquela fonte envoltas pelas brumas do sacro, que se esconde o significado de tudo, e também o significado da minha vida, de todas as minhas ações e todos os meus sofrimentos. Demandar a origem da língua perguntar pelo significado de tudo. Essa pergunta admitirá resposta? Será pergunta permitida? Ou será daquele tipo de pergunta do qual nos diz a tradição "Não pesquisaráis?" Não sei, mas sei que todo aquele que se dispõe a galgar a montanha em busca da fonte, deve fazê-lo aceitando o risco. Mira Schendel aceitou o risco. A sua obra aqui está, com toda a sua opacidade pia e blasfêmica para atestar esse risco. As suas tiras de papel de arroz, efêmeras e vulneráveis, são cobertas de riscos, de pegadas impressas sobre a neve do imanente que cobre, eterna, os picos da origem. Convido o leitor a atravessar, com Mira, as geleiras do Ser, e inclinar-se profundamente, com eles sobre os abismos que se dilaceraram, para ver se descobre a fonte da língua. Pois é nas geleiras do Ser que a língua se origina.

ORISHA



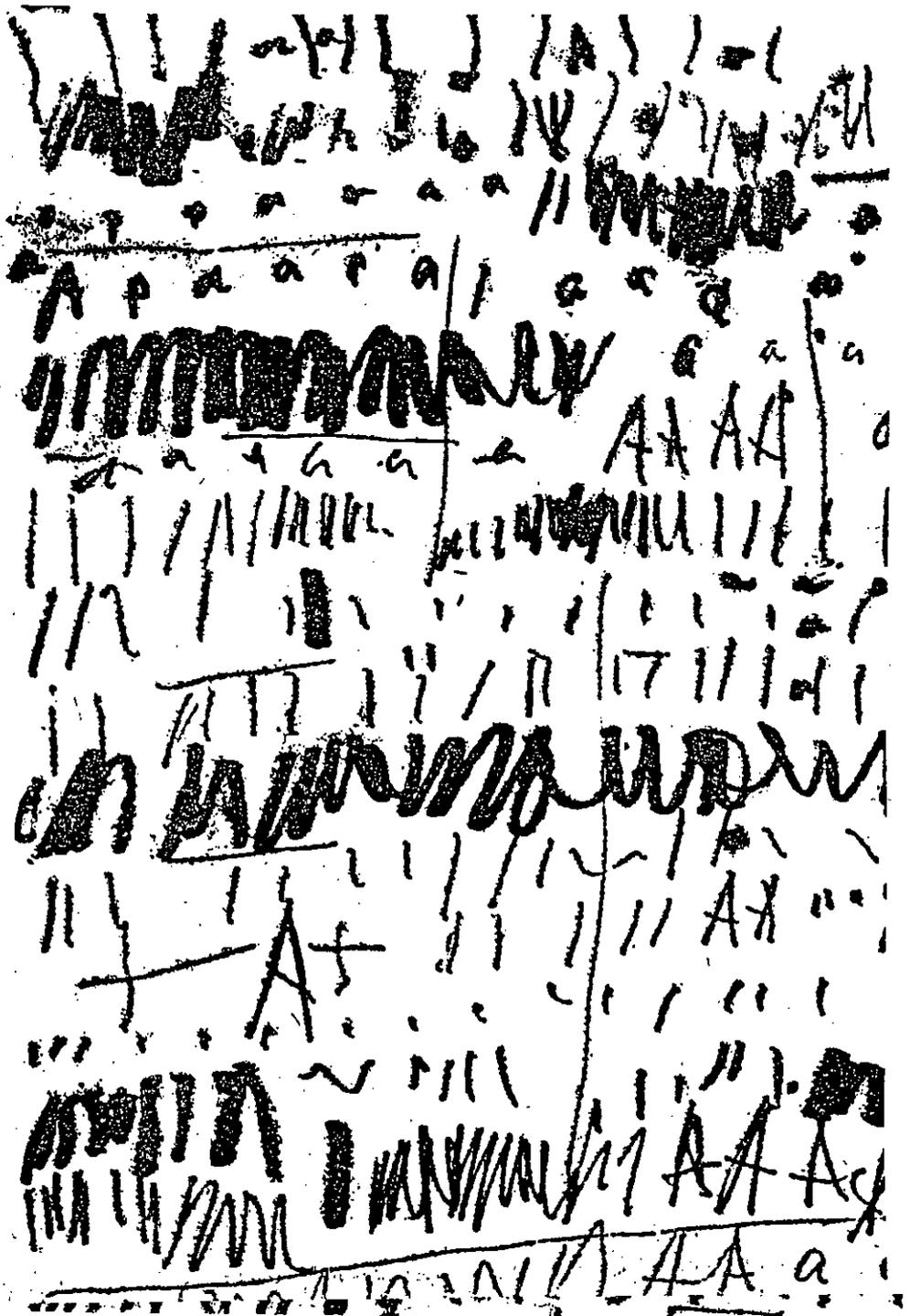
nto literário

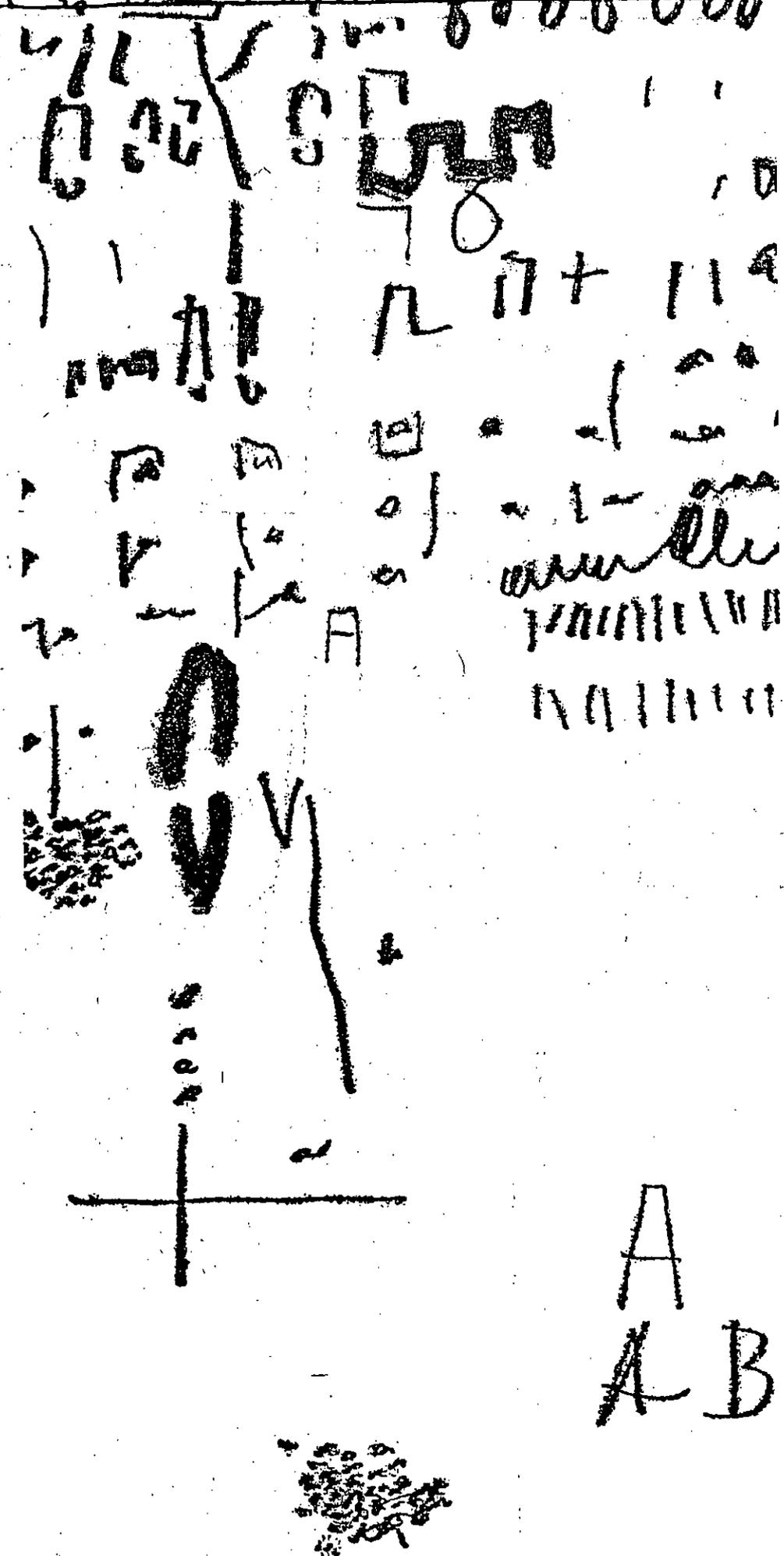
São Paulo, 29 de abril de 1967, Ano 11, N.º 525

origem da língua

tensão no Eu se acumula. Cresce, e tende, e quer expandir-se, quer sair do seu isolamento e mergulhar na conversação ordenada. E Mira, na separação do seu Eu, característica da situação irônica do "artista", espera pelo momento. Não deve agir cedo demais, porque o ainda não articulado não pode ser captado. Não deve agir tarde demais, porque o já articulado não merece ser capturado. Deve agir no momento preciso. Mas quando este vem, quando o Eu se abre para articular-se, Mira se lança sobre ele qual fera. Agarra-se ao seu Eu, para que não fuja em direção da conversação, nem se retire dentro de si mesmo e recala no inarticulado. Agarra-se ao seu Eu, procura ser ela mesma, e neste estágio do ensimesmamento procura fixar-se com papel, lápis e tinta. É assim, crelo, que Mira escreve aquilo que escreve.

Com que direito posso afirmá-lo? Com o direito de quem lê o escrito por ela. Admito que se trata de uma leitura diferente daquelas às quais estamos acostumados. Os escritos de Mira não são textos. Não falam sobre. Por isto não podem ser lidos como representando algo. São pré-textos. São, como um texto é antes de ser texto. Falam-se. Ainda não representam algo, embora o façam quase. São quase-simbólicos os pré-textos de Mira. Mas por serem quase-simbólicos, por serem pré-textos, não podem ser "lidos" como desenhos (no sentido tradicional que damos a esse termo). Não tendem, como os desenhos, para a coisa, tendem, como os textos, para o falar sobre as coisas. Não devem ser "lidos" num sentido metafórico, devem ser lidos literalmente. E, com efeito, são letras a serem lidas, embora nem sempre já le-





o dos abismos (Macerantop)
que se precipita e nos ar-
rasta consigo.

É claro que não há ne-
cessidade para a subida pe-
rigosa até as geleiras co-
bertas de bruma. Podemos
ficar nas nossas planícies
mais ou menos amenas, e
ainda assim falar da ori-
gem da língua. Podemos
desconversar o assunto e,
por exemplo, historicizá-lo
ou psicologizá-lo. Podemos
dizer que a língua se origi-
nou (ou foi originada), no
curso da evolução da espé-
cie humana, desta ou da
aquela maneira. Ou que a
língua é resultado de cer-
tos processos psíquicos ja-
racterísticos do homem.
Por certo, muita coisa con-
tinuará inexplicada nessa
nossa tentativa desexisten-
cializante, mas isto não é
rá motivo para uma pre-
ocupação exagerada.

O convite para acom-
panhar os passos de Mira
dirigido àqueles que se re-
cusam a relegar a respon-
sabilidade pela pergunta
fundamental sobre os om-
bros largos das ciências es-
pecializadas. Aos que sen-
tem que a explicação da
origem da língua, oferecida
pelas ciências, não me dá
respeito. Que pode ser per-
feitamente "válido" dizer
que a língua surgiu entre
os homínidos, ou entre os
neurons do cérebro, ou en-
tre as rodas e alavancas
do mecanismo da minha
psique, e que, a despeito
de "válido", pode ser
perfeitamente impertinente.
Porque aquela origem da
língua que me interessa
não se dá nas profundezas
longínquas da história, do
sistema nervoso ou do sub-
consciente, mas dá-se na
proximidade imediata do
meu Eu. É do núcleo mais
concreto do meu Eu que a
língua brota, como um
guaiser, aos jatos e jorros.
Sinto uma tensão em mim
uma tendência violenta pa-
ra a articulação, uma in-
tenção explosiva, e eis que
deflagro em língua. Se pu-
desse captar o momento da
explosão, esse momento fu-
gaz no qual ainda não sou
língua, mas já não sou
inarticulado, se pudesse
captar esse momento críti-
co entre o Outro caótico e
o Eu ordenado por símbo-
los, teria captado a origem
da língua. Se fôr isto que
quero, se desejar ardente-
mente conhecer Deus e a
alma ("Deum atque ani-
mam cognoscere cupisco"
Sto. Agostinho), a obra de
Mira Schendel passa a ser
uma série de pequenos re-
lampagos reveladores.

Lá está sentada ela
acocorada, à espreita, vi-
giando, com respiração cor-
tada, o pulsar do seu Eu.
Horas e horas, dias e dias
esperando pacientemente e
vorazmente. E eis que

Se lidos assim, literalmente e em procura da letra, revelam, creio, esses pré-textos aspectos da essência da língua. São uma fenomenologia da língua. São aquilo que a língua é antes que fale. Reparem nesses pré-textos. Há neles vastas regiões de papel vazio. São as regiões do silêncio preme da futura língua. Há neles letras já formadas, e letras que se juntam para formar quase palavras. Captamos essas quase-palavras e procuramos torná-las núcleos para a compreensão da totalidade do pré-texto. Mas é um erro nosso. Quando se formou a palavra, não interessa. Já passou para a conversação, já perdeu o esplendor da origem. Tal como o papel branco, formam as palavras articuladas os limites externos desses pré-textos. O papel branco e as palavras articuladas são aquela parte da língua que escapou às garras de Mira. Escapou para lá e para cá do momento da origem. O drama da origem da língua dá-se no espaço entre eles.

São as letras em formação que demandam o significado. São os exames de letras que demandam o sentido. São as metamorfoses de letras que demandam as regras do jogo do pensamento. São os acenos dos riscos, das retas e das curvas, que pedem serem admitidos ao jogo. São as linhas virtuais que pedem admissão para o reino da realidade do pensamento. São as linhas virtuais que pedem o rigor da linha reta, do discurso. Há um tumulto de linhas e pontos, de curvas e figuras, que pedem, desesperadamente, a permissão de sair do limbo da virtualidade e serem admitidos ao reino resplandescente da realidade que é a língua. Há uma luta desesperada do virtual em busca da salvação na realidade. É a luta do Eu pela sua identidade.

Quando alcançada a meta? Quando, finalmente, se forma a letra, e dela a palavra, e dela, (muitas raras vezes), a sentença? Ah, descoberta irônica, a realidade alcançada é desvendada como exílio de si mesma. E neste desvendar aparecem a articulação e o inarticulado como os dois abismos entre os quais se dá o drama do qual tratam os pré-textos de Mira. Mas esta descoberta não pode ser falada. Pode ser descrita apenas na escrita de Mira Schendel. O que não pode ser falado deve ser calado. Mas pode ser semifalado. É o que fazem estes pré-textos. Que esta admissão seja tomada como confissão da inveja que sente todo aquele condenado à articulação, quando lê estes pré-textos.

